

ESCAVAÇÕES NO FAIÃO

Do lugar do Faião, freguesia da Terrugem concelho de Sintra, foram já publicadas peças de grande interesse e muitas outras ainda inéditas se encontram no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

Havendo conhecimento de que próximas obras de saneamento iriam pôr em risco monumentos arqueológicos, cuja existência era previsível, foi pedida autorização para aí se realizarem escavações com o fim de alertar a população e consciencializá-la para a importância dos possíveis achados.

Apesar das péssimas condições de clima, dada a grande urgência que havia em se realizar as sondagens, as escavações foram iniciadas em colaboração com o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa e dirigidas por J. Cardim Ribeiro.

Se os resultados não foram espectaculares, porque, nas referidas condições de clima não era possível escavar uma área mais vasta, foram pelo menos atingidos os objectivos pretendidos: alertar a população para o verdadeiro valor dos objectos arqueológicos que com tanta frequência aparecem na região, e consciencializá-la para a necessidade de preservar o património.

A ESTAÇÃO ROMANA DA SENHORA DO PILAR (ALGOZ)

Notícia preliminar

*Ester Liebermann Paiva de Andrade
e Luís António Neves Paiva de Andrade*

1 — Explorando o topónimo Algoz Velho, referido por alguns habitantes da freguesia do Algoz, deslocámo-nos ao local no Verão de 1976.

O achado quase imediato de alguns fragmentos de régulas e cerâmica grosseira levou-nos a concluir que o local merecia uma pesquisa mais cuidada. Assim, batendo a zona, deparou-se-nos, num corte de terreno, realizado aquando da construção de uma fábrica, um pavimento construído com grandes lateras assentes em «opus signinum».

Conversando com o guarda da fábrica já referida, obtivemos a desagradável informação de que, em consequência das obras de edificação da fábrica, cerca de 1972, tinha sido completamente destruído aquilo que, pela descrição, julgamos ter sido um grande mosaico com motivos geométricos.

As tesselas serviram para aterros encontrando-se hoje sob os alicerces da dita fábrica...

O facto de no local não dispormos de bibliografia levou-nos inicialmente à suposição de que estávamos perante um achado inédito. Hoje sabemos que assim não é, já que a zona que tem a designação de Algoz Velho corresponde, sem margem de dúvida, ao conjunto das fazendas da Amoreira e Morgado das Taipas, referidas por Pinho Leal, Silva Lopes, José Leite de Vasconcelos, Francisco Xavier de Ataíde Oliveira¹ e é local indicado na Carta Arqueológica do Algarve, publicada por Estácio da Veiga, com o símbolo de cemitério de inumação romano².

Leite de Vasconcelos parece ter sido o único que, em 1915, aqui realizou alguma pesquisa sistemática tendo então explorado uma necrópole.

O facto de desde 1915 até 1972 o local, tanto quanto sabemos, ter ficado em completo abandono levou a que, nesta data, devido à construção da fábrica, se tivesse destruído provavelmente a maior parte de uma importante estação do período romano. Nesse sentido aponta a quantidade e qualidade do espólio encontrado.

2 — Nos vários autores já referidos não há concordância na designação da estação pois três nomes diferentes são usados para esse fim; Senhora do Pilar, Morgado das Taipas e Quinta da Amoreira. Maria Luísa Estácio da Veiga³ sugere que a «povoação romana extinta ou arrasada», referida por seu avô no topónimo Tunes, poderia aqui ser situada.

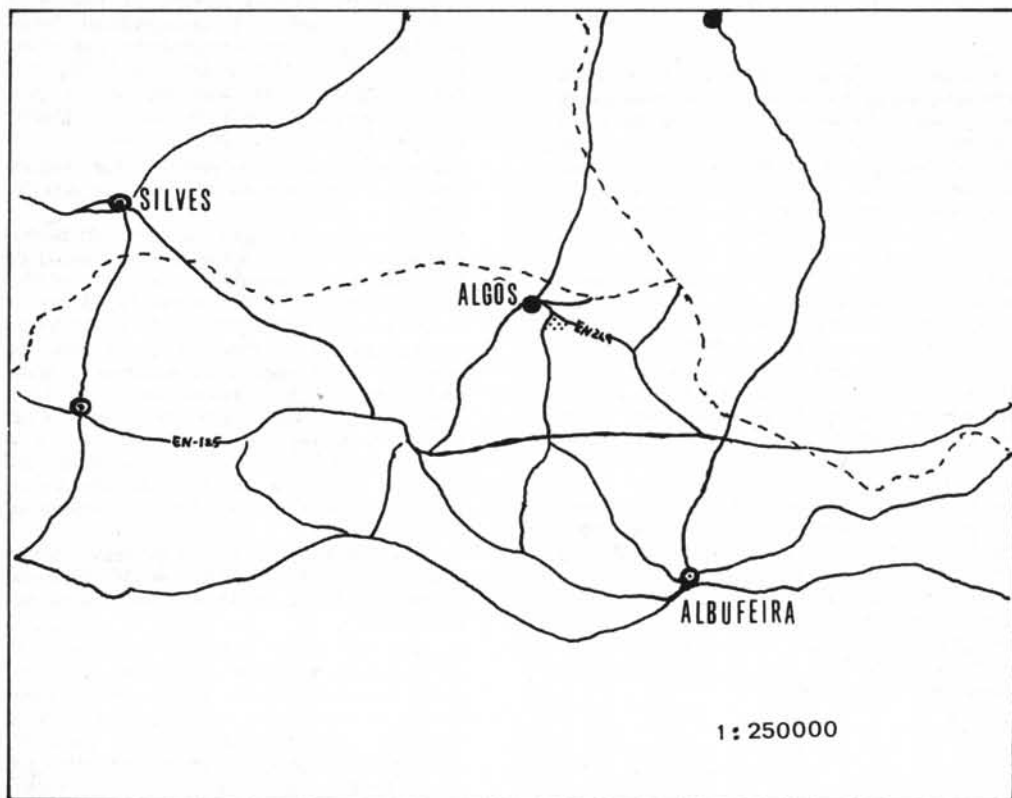
Apesar de termos visitado grande parte da zona de Tunes sem encontrar sinais daquela povoação, estamos em crer que Estácio da Veiga a conheceria e que não confundiria duas estações, não só pela distância considerável que as separa, como pelo uso correcto da designação «Senhora do Pilar», nome da ermida próxima, que emprega para referir a estação que agora estudámos.

Esta incerteza na designação resulta, quanto a nós, da grande extensão da área que os vestígios arqueológicos ocupam. Por exemplo, Leite de Vasconcelos situa no Morgado

1 Pinho Leal — «Portugal Antigo e Moderno», vol. I. Silva Lopes — «Corografia do Reino do Algarve». J. Leite de Vasconcelos — «Pelo Sul de Portugal», in *O Arqueólogo Português*, vol. XXIII.
Francisco Xavier de Ataíde de Oliveira — «Monografia do Algós».

2 Estácio da Veiga — «Antiguidades Monumentais do Algarve», in *O Arqueólogo Português*, vol. XV.

3 Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos — «Arqueologia Romana do Algarve», vol. II.



das Taipas a necrópole que explorou. Ora este local fica quase a um quilómetro da ermida da Senhora do Pilar, local onde Estácio da Veiga referencia a sua estação e onde Leite ed Vasconcelos, pelo contrário, refere a existência de alicerces antigos, em «opus signinum» e um poço de água «puteus» formado por pedras em «opus incertum».

Nós encontramos bastantes restos de «te-gullae» (material das sepulturas estudadas por Leite de Vasconcelos) no Morgado das Taipas, mas encontramos uma tibia humana junto à Senhora do Pilar! Seriam duas necrópoles? Parece-nos que não.

A necrópole deveria efectivamente ficar no Morgado e na quinta contígua. Às Amoreiras, situar-se-ia uma grande «villa».

Situação

Pelo que fica exposto nós preferimos empregar a designação de estação romana da Senhora do Pilar (Algoz) que nos parece a mais aceitável até porque as outras já não têm, na actualidade, significado real.

A estação situa-se numa zona imediatamente a sul da EN 269, que do Algoz (Silves) leva

a Faro, e a cerca de 200 metros do limite leste daquela povoação.

O terreno desenvolve-se em ligeiro declive a partir da encosta leste do monte onde fica situada a ermida dedicada à Senhora do Pilar.

Este monte, não muito elevado, domina uma extensa área plana e de grande fertilidade. A ele, bem como à zona da estação arqueológica, andam associadas tradições indefinidas mas que tendem a considerar a zona como o local primitivo da população do Algoz.

A parte principal da estação é a que está assinalada na planta pelo n.º 1, contudo a maior parte do espólio foi recolhido na zona marcada com a letra A pois para aí foram lançadas as terras retiradas nas terraplanagens para a construção da fábrica; esta vai marcada com 2, na mesma planta.

Descrição do material

Cerâmica grosseira

Apesar da abundância de fragmentos de cerâmica grosseira não foi possível realizar qualquer reconstituição.

São predominantemente de pasta castanho-clara com bastante desengordurante, geralmente sem engobe.

Os mais significativos são asas e fundos de ânfora, nomeadamente uma asa de Dressel 20, um fundo de Beltran 1, e outros de difícil classificação, porque muito fragmentados. Num possível parietal de «dolium» encontrou-se uma marca de oleiro fragmentada onde se lê ...LDP (Est. 4, Fig. 8).

Cerâmica fina

A cerâmica fina apresenta-se bastante variada.

O fundo de um pequeno vaso de pasta castanha muito clara com desengordurante muito fino e alguns restos de engobe avermelhado parece pretender ser uma imitação de «terra sigillata». Vários fragmentos com a pasta castanho-chocolate, engobe de tom ligeiramente mais escuro e por vezes com vestígios de decoração são, infelizmente, de impossível reconstrução.

Está igualmente bem representado (Est. 4, Fig. 9) um tipo de cerâmica negra, muito bem cozida, com desengordurante micáceo, mas sem vestígios de engobe; interessante uma provável patera.

Além destes, mas menos representado, encontramos um tipo de pasta amarela-clara, bem cozida, com pouco desengordurante e um engobe de tom ligeiramente mais carregado. Pertence a este tipo o bordo representado na Est. 4, Fig. 10 e Est. 5, Fig. 5.

Materiais de construção

São sobretudo as dezenas e dezenas de «lateres», normalmente completos, dispersos caoticamente na zona A ou ainda *in situ* na linha de corte da terraplanagem que nos impõem a noção da grande dimensão que deveriam ter as edificações.

Abundam igualmente dezenas de «tegulae» e «imbrices» fragmentados uns, inteiros outros. O seu tipo não difere dos provenientes de outras estações romanas do Algarve, nomeadamente dos representados no Museu Municipal de Lagos.

Surpreendente foi a descoberta de um só tijolo de quadrante. Já menos surpreendente, porque explicado, mas entristecedor, foi o achado de uma única «tecella»...

«Terra sigillata»

Rondam a centena o número de fragmentos de «terra sigillata» recolhidos. A maioria pertence ao tipo sudgálico. A pasta é castanho-

-avermelhada, com desengordurante fino mas bem visível. O verniz é de um tom mais carregado que a pasta, as arestas são vivas e a fractura vítrea.

Um vaso de forma Draggendorf 27, liso, com a marca CORN, em cartela rectangular apresenta-se porém com uma pasta em que o desengordurante é inexistente, o que nos levou a classificá-lo no tipo itálico e terceira fase de evolução técnica, de acordo com Goudineau, Est. 1, Fig. 2 e Est. 5, Fig. 3.

A marca é inédita mas provavelmente designa a oficina de P. Cornélio.

Na «sigillata» sudgálica os fragmentos mais significativos são: um vaso da forma Draggendorf 30 (Est. 1, Fig. 1 e Est. 5, Fig. 1) com motivos florais e uma figura humana de reconhecimento difícil porque mutilada, e vários da forma Draggendorf 27, lisos (Est. 2, Fig. 1 e Est. 3, Fig. 4). De outros fragmentos decorados merecem ainda referência um com motivos florais e uma lebre (Est. 2, Fig. 2 e Est. 5, Fig. 9) e outro só com motivos florais (Est. 2, Fig. 3 e Est. 5, Fig. 6). Ambos são classificáveis na forma Draggendorf 37.

De referir ainda um fundo de «patera» com resto de marca onde se lê unicamente um o. Cronologicamente situamos o conjunto entre 10/80 d.C.

Numisma

Encontrou-se um único numisma. Está em relativo bom estado. É um bronze de Cláudio de diâmetro 10 na escala de Mionnet. Não encontramos referência excepto em H. Cohen que indica um áureo idêntico na descrição e com indicação de cunhagem em 41 d.C. (Est. 3, Fig. 1).

A descrição é a seguinte:

Anv./ - Cabeça de Cláudio voltado à direita, laureado.

Legenda: CLAUDIUS CAESAR AUG IMP...

O restante da legenda está bastante safoado.

Rev./ - Coroa de louros com a legenda no centro.

Legenda: EXCS OB CIVES SERVATOS

Metal

Encontrámos vários objectos de metal. Um pequeno «martelo» de ferro (Est. 4, Fig. 3) de difícil interpretação. O bronze está representado por uma argola (Est. 4, Fig. 4),

4 C. Goudineau — «La ceramique Aretine Lisse», Paris, 1968.

5 F. Hermet — «La Granfesenque», Paris, 1934.

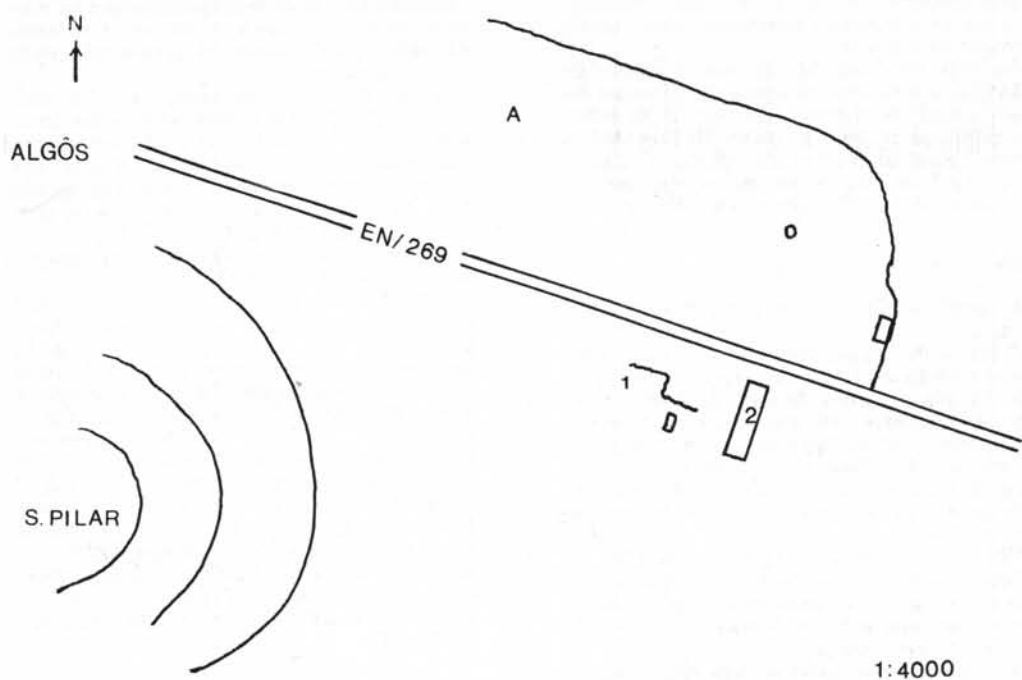


Fig. 2

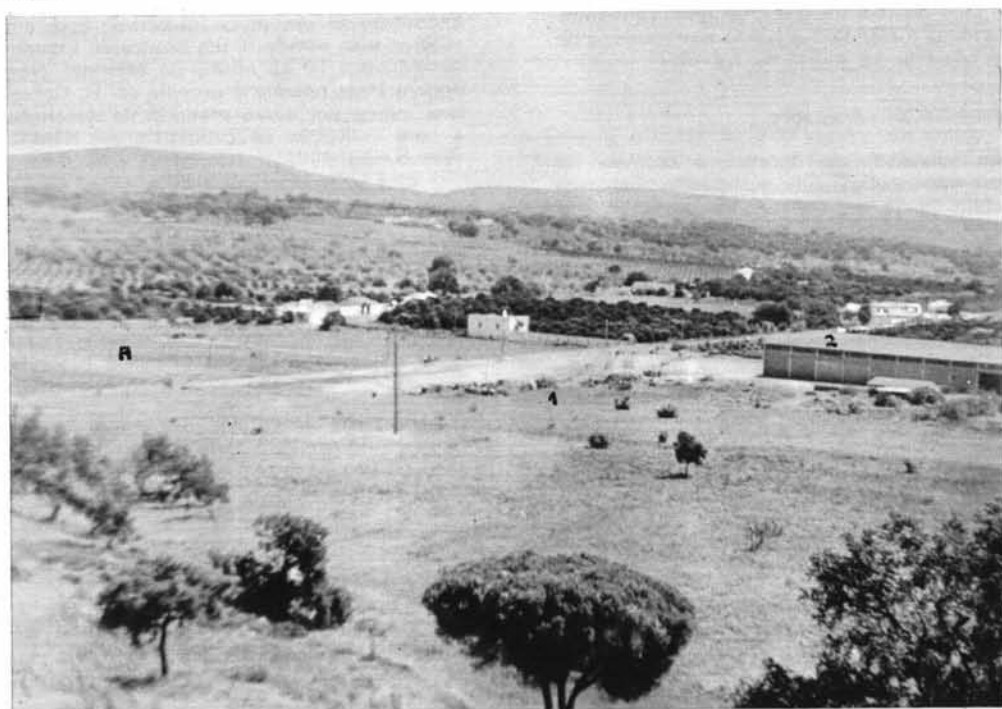


Fig. 3

e um pequeno escopro ou espátula (Est. 4, Fig. 7). De chumbo, além de fragmentos de função indefinida (Est. 4, Fig. 5), recolhemos duas peças que supomos ser pesos de balança (Est. 4, Fig. 1 e 2). De ferro recolhemos uma peça de função indefinida, representada na Est. 4, Fig. 6.

«Fascinum»

Muito perfeito é o «fascinum» representado na Est. 3, Fig. 2. É de bronze com dois «phalus», figa e argola de suspensão, provavelmente representação do órgão sexual feminino. Tem dois paralelos, referidos por Leite de Vasconcelos ⁶.

Vários

Alguns dos materiais encontrados parecem-nos ser do período árabe nomeadamente fragmentos de um vidro a verde que não arriscamos seja romano. O mesmo se passa com alguns fragmentos de vidro, nomeadamente um de tonalidades azuis e brancas, rebelde a qualquer reconstituição.

Encontrou-se uma asa «reflector» de lucerna (Est. 3, Fig. 3) que tem paralelos no Museu Municipal de Faro onde vimos duas idênticas, estranhamente catalogadas como «unhas da grande besta» (o que sugere amuletos).

Conclusões

As condições particulares da estação e a ausência de escavação levam-nos mais a suposições do que a conclusões:

1 — Devemos estar perante uma grande vila com anexos e necrópole e onde o conjunto ocupa uma área apreciável.

2 — A generalidade do espólio recolhido pertence ao século I d.C.

A existência de algum material provavelmente árabe e o não aparecimento de elementos posteriores ao final do século I d.C. podem levar-nos à conclusão da existência de uma solução de continuidade entre estes dois períodos.

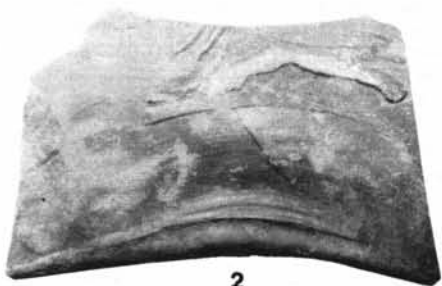


Estampa I

⁶ J. Leite de Vasconcelos — «Religiões da Lusitânia», vol. III.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15

Estampa 2

1:2



Estampa 3



1



2



3



4



5



6



7



8



9



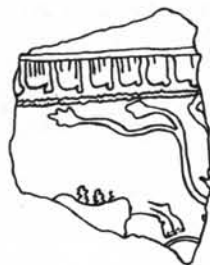
10

1:2

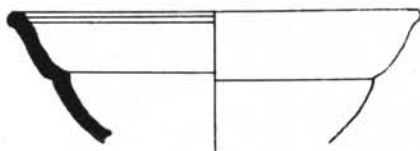
Estampa 4



1



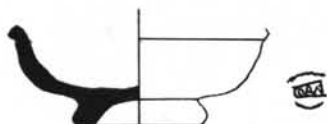
6



2



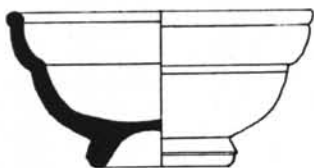
7



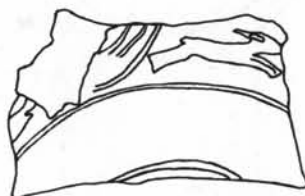
3



8



4



9



5

Estampa 5

1:3

415